

ANEXO 23. RELATÓRIO DA OFICINA DE DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO DO PNMAR

1. Apresentação e Programação

O presente relatório refere-se Oficina de Diagnóstico Participativo do Plano de Manejo do PNMAR, realizada no dia 15 de junho de 2014.

A oficina participativa foi um momento de construção coletiva do Plano de Manejo da Unidade de Conservação, estímulo ao envolvimento dos atores e teve duração de um dia (9h-17h), totalizando 24 participantes, representantes de 15 instituições. A relação de participantes (Lista de Presença) encontra-se no final deste documento.

A Tabela 1, a seguir, apresenta a programação da oficina.

Tabela 1. Programação e metodologia da Oficina de Diagnóstico Participativo – PNMAR.

Oficina 01 – 15/05/2014
Período da Manhã
09:00 – 9:10 Abertura e apresentação do dia
9:10 – 9:20 Apresentação dos presentes – nome e instituição
9:20 – 9:30 Apresentação de conceito e das etapas do Plano de Manejo
9:30 - 11:30 Apresentação do diagnóstico pelos consultores (6 consultores – 15 min cada + 5 min de complementação dos participantes) Meio Físico, Vegetação, Fauna, Socioeconômico, Fundiário, Socioeconômico.
11:30 – 13:00 – Almoço
Período da Tarde
13:00 – 14:00 Apresentação do diagnóstico pelos consultores (3 consultores – 15 min cada + 5 min de complementação dos participantes) Uso Público, Infraestrutura e Gestão
14:00 – 14:30 Apresentação de conceitos sobre o Modelo Conceitual, Alvos de Conservação e Pressões.
14:30 – 15:00 Trabalho em grupos para definição dos principais ALVOS DE CONSERVAÇÃO da UC.
15:00 – 15:10 plenária de consensuação.
15:10 – 15:40 Trabalho em grupos para definição das principais PRESSÕES sobre os ALVOS DE CONSERVAÇÃO da UC.
15:40 – 15:50 plenária de consensuação.
15:50 – 16:20 trabalho em grupos para definição das CAUSAS E ORIGENS DAS PRESSÕES
16:20 – 16:50 Plenária final de construção do MODELO CONCEITUAL.
16:50 – 17:00 Informes próximos encontros e encerramento

2. Metodologia utilizada na Oficina

A apresentação do diagnóstico pelos consultores foi realizada mediante apresentação oral de cada especialista durante aproximadamente 15-20 minutos, após a qual houve tempo para perguntas, questionamentos e complementações por parte dos presentes.

Encerrada as apresentações dos consultores foi iniciado o trabalho de grupo onde utilizou o modelo conceitual a seguir como referencia para definição de alvos de conservação da UC, das pressões sobre os alvos e causas das referidas pressões.

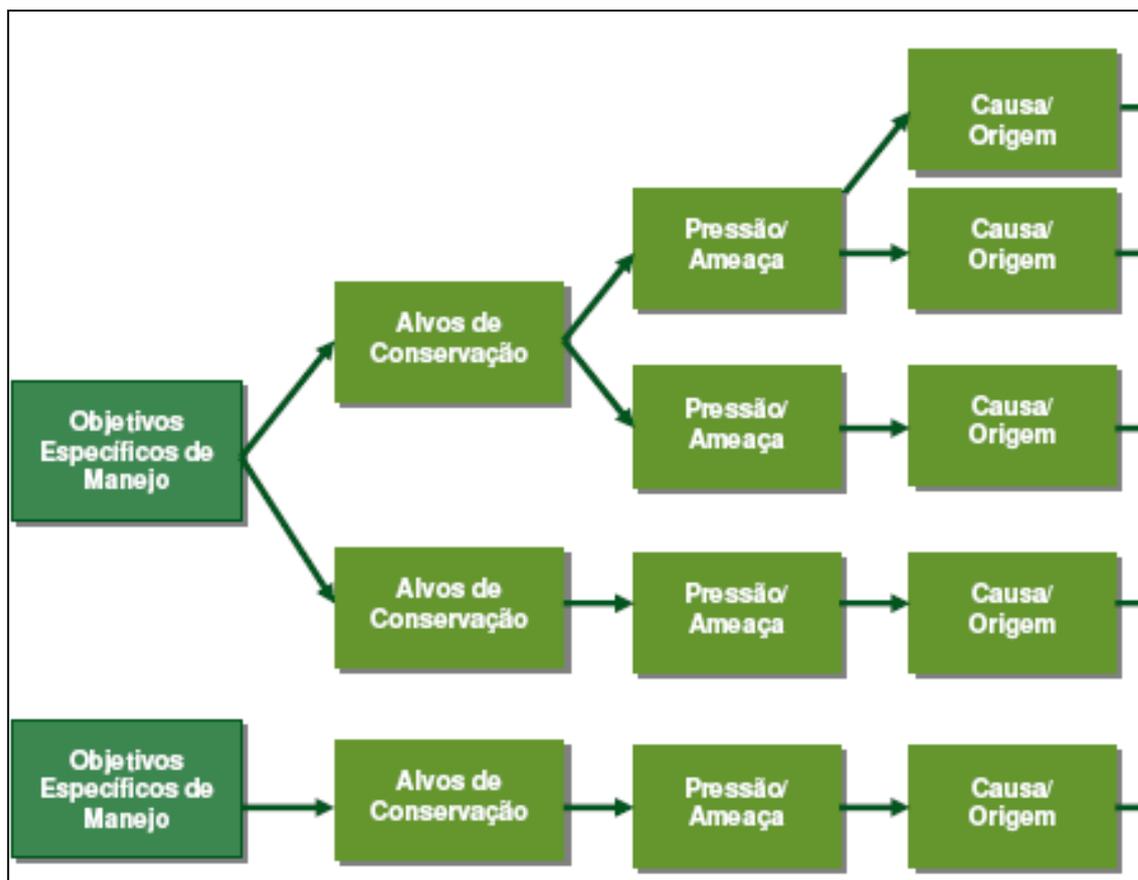


Figura 1. Exemplo de Modelo conceitual de alvos de conservação, pressões e causas/origens.

Durante os trabalhos em grupo foi utilizado método inspirado nas conversas significativas World Café, conforme explicação abaixo:

- Acomodam-se **quatro ou cinco pessoas em pequenas mesas estilo Café** ou em grupos de conversação.
- São estabelecidas **rodadas de progressivas de diálogo** (geralmente três) de aproximadamente 20 a 30 minutos cada.
- **Perguntas ou questões que genuinamente importam** para o tema trabalhado são realizadas.
- Tanto os anfitriões de mesa quanto os participantes são encorajados a **escrever, rabiscar e desenhar ideias-chave** em suas folhas de anotações no centro do grupo.
- Após completar a rodada inicial de diálogo, uma pessoa permanece na mesa como a “anfitriã”, **enquanto as outras atuam como viajantes ou “embaixadores do significado”**. Os viajantes levam ideias-chave, temas e perguntas para as suas novas conversas.
- O anfitrião da mesa sempre dá boas-vindas aos novos convidados e brevemente compartilha as ideias principais, temas e perguntas da rodada inicial.
- Os convidados são incentivados a **ligar e conectar ideias** provenientes das conversas das mesas anteriores — escutando com atenção e refletindo sobre as contribuições uns dos outros.

- Ao proporcionar a oportunidade para que as pessoas se movam em diferentes rodadas de diálogo, **ideias, perguntas e temas começam a se conectar**. Ao final da segunda rodada, todas as mesas ou grupos de conversação na sala serão “*polinizados*” com *insights* de conversas anteriores.
- Na terceira rodada de diálogo, as pessoas podem voltar às suas mesas iniciais para **sintetizar suas descobertas**, ou podem continuar viajando às outras mesas, deixando o mesmo ou um novo anfitrião à mesa.
- Depois de diversas rodadas de diálogo, tem início um período de compartilhamento de descobertas e *insights* **em uma conversação com todo o grupo**. Nessa conversa estilo “plenária ou assembléia” os padrões podem ser identificados, o conhecimento coletivo cresce e as possibilidades para ação surgem.

3. Resultados

A elaboração do exercício de construção do Modelo Conceitual do PNMAR teve como base o objetivo de manejo da unidade de conserva, definido pela Lei Municipal nº 8.195/2010, artigo 2º como “*A criação do PNMAR tem como objetivos básicos à preservação de seu ecossistema natural de grande relevância ecológica e beleza cênica, a realização de pesquisas científicas, o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico*”.

A partir desse objetivo, e considerando os resultados do diagnóstico apresentados pela equipe do plano de manejo aos presentes na oficina foi realizada uma discussão sobre os **ALVOS DE CONSERVAÇÃO** do PNMAR, que seriam os principais atributos que se pretende manter ou melhorar e que serão foco do planejamento. O seu propósito principal é guiar as estratégias de conservação num dado sítio – quais ameaças críticas devem ser reduzidas e que tipos de medidas devem ser realizadas para manter ou melhorar a viabilidade dos alvos em questão. No caso do PNMAR foram definidos seis alvos de conservação pelo grupo presente na oficina: Floresta (ecossistema), Palmito – *Euterpe edulis*, Espécies Cinegéticas, Água, Solo e Patrimônio Histórico-Cultural.

A partir da identificação dos alvos de conservação do PNMAR iniciou-se uma etapa de definição das **AMEAÇAS - ESTRESSES** sobre os alvos, ou seja, quais os fatores que incidem diretamente sobre os alvos de conservação ocasionando impactos negativos. Deve-se buscar ameaças ou estresses que danifiquem ou degradem o alvo ou a o contexto em que se encontra, resultando na redução da viabilidade do alvo. Podem ser de origem humana, fenômenos naturais alterados pela atividade humana ou fenômenos naturais cujo impacto aumenta devido a outras atividades humanas.

No caso do PNMAR, durante o exercício da oficina de diagnóstico participativo, foram identificadas 11 fontes de ameaça consideradas críticas pelos participantes, as quais tiveram a redação aperfeiçoada pela equipe de coordenação (**Figura 2; Figura 5**). Dentre elas, as que afetam o maior número de alvos de conservação são: I) Perturbação e perda de habitat /diminuição da proteção do solo e água pela ocorrência de incêndios no Parque e entorno, afetando seis diferentes alvos e; II) Fragmentação e perturbação do habitat/ diminuição da proteção do solo e água pela presença de estrada, afetando cinco diferentes alvos.

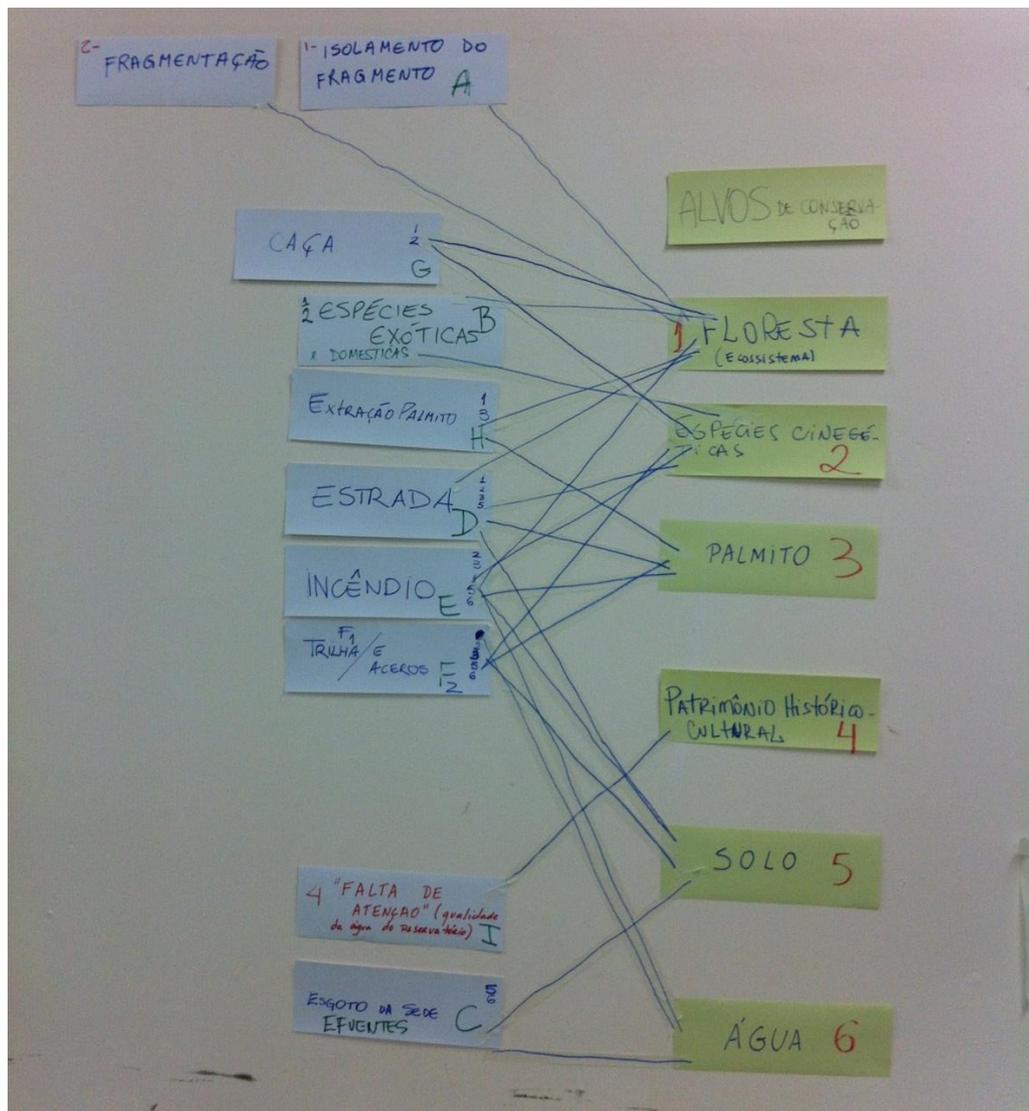


Figura 2. Alvos de conservação do PNMAR e ameaças.

Para cada ameaça - estresse afetando um ou mais alvos de conservação, existe uma ou mais **CAUSAS - ORIGENS**. Assim, para definir as estratégias que aliviarão as ameaças - estresses é preciso determinar os fatores que dão origem ou impulsionam a destruição ou degradação dos alvos prioritários dentro do sítio. Segundo Granizo et al. (2006), a maioria das fontes de estresse têm origem nos usos antrópicos incompatíveis da terra, água e recursos naturais, que estão em curso ou que ocorreram no passado, mas continuam causando estresse.

Durante o exercício da oficina de diagnóstico participativo do PNMAR foram elencadas 38 possíveis causas – origens das ameaças sobre os alvos de conservação (**Figura 3**). Após a consolidação e reestruturação dessas fontes, e ainda, inclusão de uma fonte adicional, o modelo apresentou 24 fontes (**Figura 5**). Dentre elas, as que contribuem para dar origem ou ampliar a maior quantidade de ameaças sobre o Parque são: I) Falta de políticas públicas integradas para a conservação da região; II) Estrada de livre acesso cortando o Parque; III) Falta de educação ambiental e patrimonial; IV) Falta de fiscalização e; V) Sinalização dos limites e normas do Parque insuficientes. No entanto, isso não significa que os demais fatores não sejam críticos para a conservação do PNMAR e alcance dos seus objetivos de manejo.



Figura 3. Causas e origens das ameaças sobre os alvos de conservação.

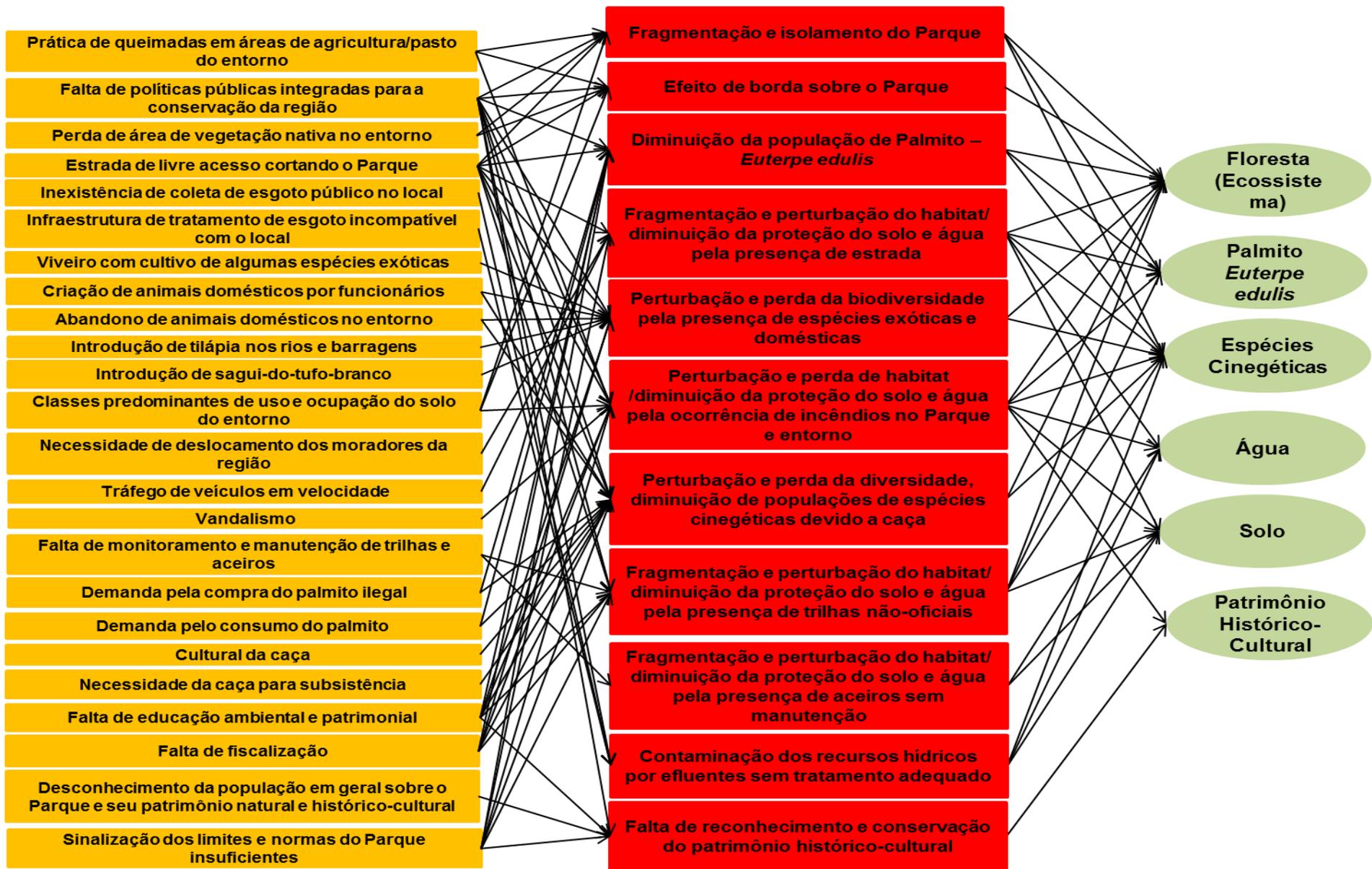
A Figura 5 apresenta a consolidação da versão preliminar do modelo conceitual do Parque com base nos resultados da oficina de diagnóstico participativo. A partir desse modelo preliminar a coordenação do projeto finalizará o modelo completo, adicionando a este os **SERVIÇOS AMBIENTAIS** prestados pela UC e os **INDICADORES DE BEM ESTAR HUMANO** resultantes.

Granizo et al (2006) destaca que é essencial que os investimentos nas estratégias a serem utilizadas numa área protegida estejam focalizados na redução das ameaças mais críticas, em vez de naquelas de natureza menos destrutiva e que são mais fáceis de lidar ou para as quais foram conseguidos recursos financeiros. Os autores também ressaltam que, na maioria das áreas protegidas, a definição de estratégias adequadas dependem de uma compreensão do contexto cultural, político e econômico que representa as forças diretrizes por trás das ameaças críticas. Esta compreensão será necessária não só para desenvolver boas estratégias de redução de ameaças, mas também para desenvolver *ações de conservação que envolvam as comunidades*, engajando-as assim na proteção dos alvos de conservação da UC.

A Figura 4 apresenta imagens das apresentações e atividades de grupo realizadas durante a oficina.



Figura 4. Oficina de diagnóstico participativo do PNMAR. A. Apresentação dos conceitos e etapas de elaboração do plano de manejo. B. Apresentação do módulo de fauna do diagnóstico do Parque. C. Atividades em grupo. D. Construção conjunta do modelo conceitual.



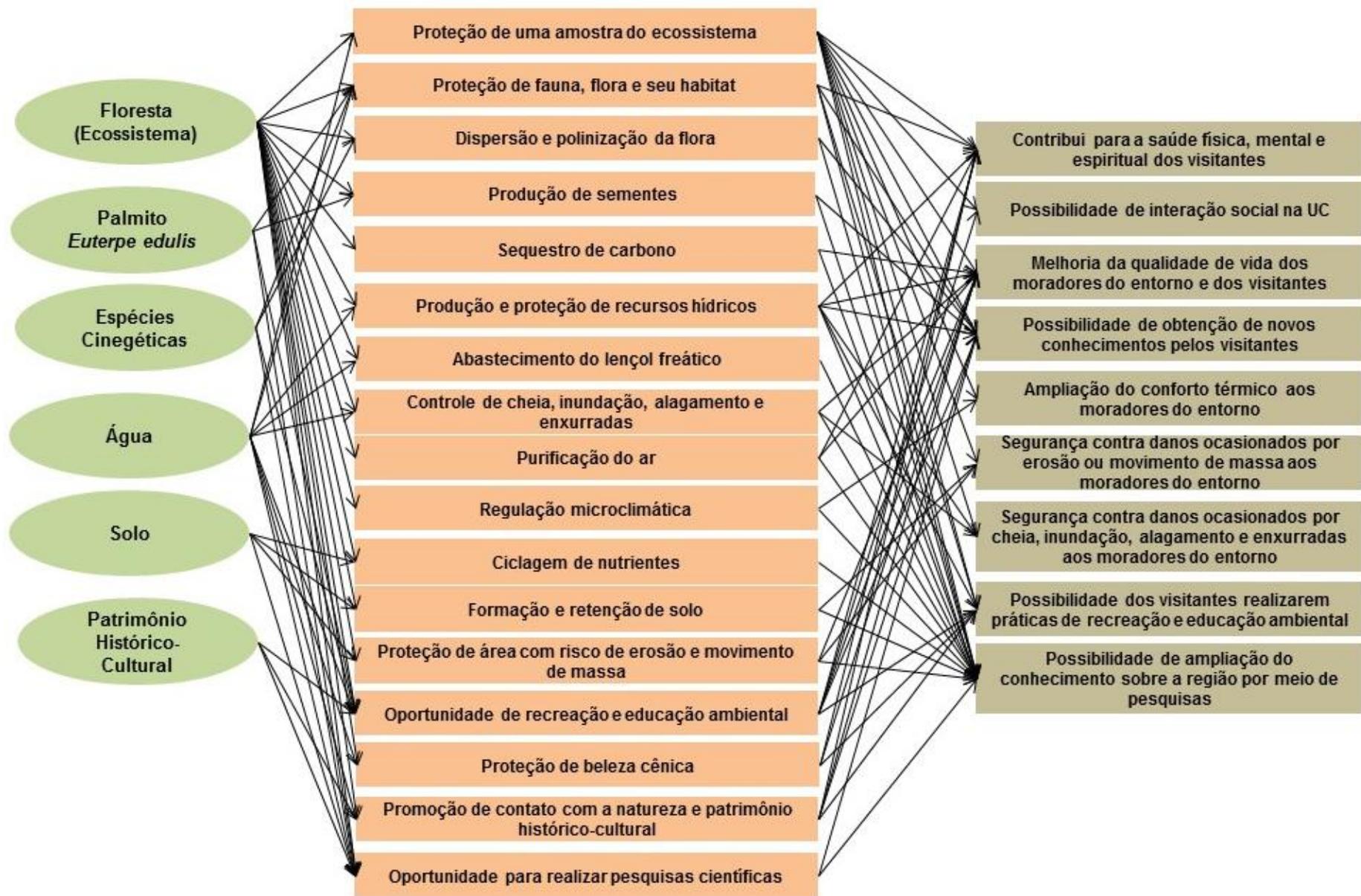


Figura 5. Modelo conceitual preliminar do PNMAR.

Lista de Presença da Oficina de Diagnóstico Participativo - Plano de Manejo do PNMAR



Lista de Presença Oficina de Diagnóstico Participativo - 15 de maio de 2014 Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Augusto Ruschi

Nome	Instituição	Telefone	e-mail
Angela Pellin	IPÊ	(11) 975455368	angela@ipe.org.br
Gianna Dominica Ribeiro	IPÊ	(11) 996425360	gianna@ipe.org.br
Alexandre Marques	SEMEA / PMSC	(12) 3909-4539	alexandre.marques@sjc.sp.gov.br
Henrique Augusto Robertella	SEMEA / PMSC	(12) 3909-4543	henrique.augusto@ssc.sp.gov.br
Simone Beatriz Lima Ravieri	IPÊ	(19) 25333875	simone@selecaoatual.net
FABIANO DO NASCIMENTO PUPIM	IPÊ	(19) 99178-8115	fabianopupim@yahoo.com.br
LINCOLN DELGADO	GCE	42-78986768	lincolndelgado@brui.com
Angela Davastano	Centro Estudos do	(13) 997941798	
Bernadete de Lourdes Valério	Cultura Popular / Museu do Folclore		angela.davastano@ig.com.br
Bernadete de Lourdes Valério	EE ZILDA ALTIMIRA SOCI	(12) 991728370	bernia_valerio@hotmail.com
Cristiane Maria Franconi de Souza	SEMEA	39094538	cristiane.franconi@sjc.sp.gov.br
Luma Brito Luma	IPPLAN	9888-1073	luma.silva@ipplan.org.br
ALLAN M.F. CAPUTO DA COSTA	IPPLAN	3928-2635	allan.caputo@ipplan.org.br
Línia Toledo	IPPLAN	3928-2606	linia.toledo@ipplan.org.br
CELSO H. VARELA RIOS	PROBIOTA	(11) 96688-8651	CELSO.CH@PROBIOTA.COM.BR
Vitor Fernando Vena	GRUPO SUSTAVANA	(12) 99600-1871	vitor@sustavana.org.br
Lucia Fernanda Melcop Reques	GRUPO SUSTAVANA	(12) 981112047	FERIANDA.MELCOP@GMAIL.COM
Marcelo Martins Ribeiro	IPÊ / Ecotonei	11-996027794	marcelo@ecotonei.com.br
SIMONE FRAGA TENORIO P. UNARDES	ESCAPS / IPÊ	(12) 3209-3697	simone.tenorio@gmail.com
REUZATO F. LORZA	FUNDADOR FLORESTAL	(12) 3626-1396	RELORZA@UOL.COM.BR
Jussara C. Reis	IPÊ	(11) 97229-5638	ReisJ@uol.com.br

